

## EDITORIAL

O tema desta edição é **ARTES ESPACIAIS**, um conceito de Jacques Derrida que busca não um dado classificatório e sim uma operação que assume a movência e o constante deslocamento disciplinar. Sendo o espaçamento um efeito, a fotografia, o desenho, o vídeo, a poesia e assim por diante, podem ser concebidos como portadores de temporalidades e intervalos, cuja matéria inclui rastros e devires.

Implicada nesta compreensão trata-se de pensar uma História da Arte que não apenas acolhe em seu repertório as circunstâncias, os esforços e as experiências artísticas, como também incorpora em seus procedimentos metodológicos esforços que, sem negar a ação temporal, contornem uma abordagem cronológico-evolutiva para privilegiar questões que reverberam no tempo e no espaço, acolhendo e compondo distintas temporalidades.

Conforme tal entendimento, **Marlen de Martino** estabelece uma reflexão sobre o dom e o gênio nas teorias da arte, em particular discutindo como estas questões foram tratadas no renascimento, no iluminismo, na modernidade do século XIX e na contemporaneidade. Sua desconstrução por Jacques Derrida é contraposta à concepção de arte como engenho em T.S. Eliot. **André Leite Coelho** explora a relação entre a fenomenologia da memória, através de Paul Ricoeur e seus fundamentos em Henri Bergson, e a imagem fotográfica, contemplada na compreensão barthesiana de *punctum*, aproximando ambas as dimensões pelos efeitos do distanciamento temporal e pela relação de contiguidade com o referente. **André Figueiredo da Costa** aprofunda a questão do instante fotográfico através da relação entre imagem e fotografia, notadamente através de trabalhos de Caravaggio, Edgar Allan Poe e Rodrigo Braga.

Ao articular uma relação entre os artistas e suas obras, sem tornar ambas as instâncias meros equivalentes, cabe à História da Arte evitar tanto a armadilha da diluição das singularidades em contextos homogeneizadores e extrínsecos, como as particularidades isoladoras e desconectadas que ignoram a formulação-armação de problemas. Ao abordar a obra de arte, ao mesmo tempo, como sinais e sintomas, construção e ruína, probabilidade (território do plausível e do finito) e possibilidade

(território dos atravessamentos infinitos), trata-se de construir um campo de análise, onde o que prevalece e ainda pode ser dito incide sobre o estranho que escapa e surpreende bem ali onde uma luz já posta parece apenas indicar que tudo já está conhecido.

É neste sentido que **Mabe Bethônico** aborda a produção literária e visual de Edgard Aubert de la Rüe, geógrafo e fotógrafo suíço que esteve no Brasil em meados do século XX e elaborou um rico arquivo sobre o sertão nordestino. **Marina Andrade Câmara Dayrell** considera a produção escultórica de Giuseppe Penone, cujas principais características de seu gesto, sua fatura e escolha de materiais permitem estabelecer uma interlocução com Didi-Huberman em relação à uma arqueologia da imagem. **Elisa Schmidt** articula a questões de rosto, retrato e figura com questões da aparência, identidade e inteligibilidade da forma. Artistas como Antonin Artaud, Samuel Beckett e Francis Bacon comparecem para destacar a desfiguração, ao mesmo tempo, como uma alteração e potencia criativa.

A segunda parte da **Palíndromo IX** consiste num dossiê organizado a partir de um evento que ocorreu nos dias 27 e 28 de novembro de 2012, no Museu da Escola Catarinense em Florianópolis. Trata-se do **I ENCONTRO DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARTE**, que congregou alunos de graduação (orientandos de Iniciação Científica) do Curso de Artes Visuais e mestrandos do Programa de Pós-graduação de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina. Sob o título de **ESTADOS DE (IN-)CERTEZA**, tomou como ponto de partida a seguinte proposta: *ao invés das certezas, uma pausa para as respostas e a potencialização das perguntas, das dúvidas e das possibilidades deslindadas pelo pensamento, colocando em evidência a multiplicidade das leituras e interlocuções, enfatizando a agudeza e o sutil como caminho para a pesquisa e a criação.*

Permitindo refletir sobre questões espaciais, **Ana Carla de Brito** destaca dois conceitos presentes na obra de Thiago Rocha Pitta que potencializam a problemática da paisagem: o infrangível e desmesura. **Joana Amarante** aborda como as questões museológicas e expositivas que comparecem na obra de Cristian Segura se desdobram em problemáticas que envolvem a paisagem e o espaço urbano.

Considerando problemáticas cujo ponto de partida é o corpo e suas reverberações, **Fabiana Didoné** apresenta a caricatura na Desterro do século XIX, através do periódico *Matraca*, particularmente através do ilustrador Joaquim Margarida. **Marina Amaral** trata das caricaturas apresentadas no livro do desenhista Domingos Fossari: *Assim os Vejo... Homens do meu tempo* (1973), destacando aspectos relacionados ao tempo e à memória urbana que ficaram retidos na obra deste artista florianopolitano. **Ricardo Mari Neto** discute as vídeo-performances de Bas Jan Ader, considerando dimensões do eu-corpo e do outro-corpo.

Problematizando aspectos conceituais e metodológicos relacionados à montagem, **Karoline Marianne Barreto** trata das questões expositivas e expográficas do 31º Panorama da Arte Brasileira a partir de Aby Warburg e sua relação com o Atlas Mnemosine. **Sandra Clechuski** considera a montagem como um procedimento relevante na produção gráfica da artista paulistana Leya Mira Brander, mas evitando a generalização, desdobra-a nos seguintes aspectos: por seriação temporal, anacronismo, justaposição, colagem, sobreposição, sobreposição dedutiva, aglomeração. **Gustavo Motta** (professor colaborador de História e Teoria da Arte do DAV-CEART no período 2012-2) apresenta a série de xilogravuras intitulada *Trama*, de Antonio Dias, cujas estampas deste contemporâneo e interlocutor de Hélio Oiticica, contemplam uma aglutinação do tempo histórico. **Lucia Helena Fidelis Bahia** destaca o processo fotográfico de Fabiana Wielewicki, através de alguns procedimentos recorrentes no seu trabalho: artifício, revelação, enigma e montagem.

Abordando faturas e procedimentos específicos, **Elke Hülse** parte dos desenhos e cartões que deram origem a tapeçarias feitas em diferentes momentos históricos, reconhecendo as impregnações da memória e a potências do gesto capazes de permitir uma espécie de sobrevivência no repertório de tapeceiros contemporâneos. **Vanessa Bortucan de Oliveira** problematiza as possibilidades e implicações conceituais que envolvem o gesto do desenho na arte contemporânea. **Luciana Marcelino**, conjuntamente com sua orientadora, aborda a transição em relação à poética e fatura de Yara Guasque, cuja trajetória registra das pinturas monocromáticas de grandes dimensões realizadas entre os anos 1980-1990 ao campo das artes digitais e, em particular, da telepresença nos anos 2000.

Por ocasião do evento, após a apresentação das comunicações organizadas conforme mesas temáticas, um convidado- moderador- debatedor (professor de Programas de Pós- graduação do CEART- UDESC) comentou os trabalhos e

coordenou o debate com a plateia. Assim, em nome da **LINHA DE TEORIA E HISTÓRIA DA ARTE**, cabe agradecer aos professores Gabriela Mager e Albertina Medeiros (Design); Luiz Henrique Fiaminghi (Música); Vera Collaço, Edécio Mostaço, Fátima da Costa Lima e Stephan Baumgartel (Teatro).

Rosângela Miranda Cherem

Inverno de 2013